



# Gaiato

1 DE MAIO DE 1971

ANO XXVIII — N.º 708 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## LOURENÇO MARQUES

«Quero dar-lhe os parabéns pelos rapazes que tem. V. sabe melhor que qualquer de nós o valor de cada um deles, pois no pequeno contacto que se me deparou com o vosso «chauffeur» (não sei o nome dele) apreciei-o muito: dinâmico, um moço educado e preparado para a vida. É uma pena que milhares de pais não proporcionem aos seus filhos uma personalidade tão valiosa como a dos seus rapazes. Infelizmente no dia a dia só deparamos com parasitas que se fazem passar por homens. A maior parte da culpa não a atribuo aos filhos, mas sim aos pais, que bons exemplos não lhes sabem dar.»

No cansaço que o rodar dos dias nos causa na luta por uma Obra sempre carecida e nunca realizada, se nos sabe bem uma atitude de amizade dum filho, um beijo dum mais pequenino, é também de grande consolo uma carta como esta.

O Renato veio no grupo dos fundadores entre os mais miúdos, como cozinheiro e cumpriu bem até se descartar dessa tarefa, andando mais de um ano como tractorista no campo, se bem que fosse demasiado esforço, para ele, tão franzino. Agora que tirou a carta de condução, muitos lhe pedem os documentos por parecer demasiado garoto para a responsabilidade do volante. O seu corpo um pouco raquítico e o seu espírito evoluíram como esta Casa onde trabalha, ao longo destes quase quatro anos. E, assim, aos dezoito está totalmente emancipado, coisa que não se pode fazer a muitos

filhos de boa gente; e poderia seguir o caminho independente, se não fosse este que há muito parece ser o melhor: ficar conosco a trabalhar nesta Obra que de pequenino — três ou quatro anos — o recebeu, amparou e formou para a vida.

Trago-o como assunto para O GAIATO porque merece as honras destas páginas, como Pai Américo fez muitas vezes aos primeiros rapazes de Paço de Sousa.

E trago não só por merecimento dele e consolação minha, mas para que todos quantos nos ajudam e puseram em nós o seu interesse o aumentem e difundam.

Esta Casa não é apenas fruto duma Escola que Pai Américo deixou; é também fruto amadurecido duma sociedade que não perdeu as suas virtudes cristãs de Caridade e Justiça.

Padre José Maria

PAI AMÉRICO



## Setúbal

VIEIO ontem até mim um pecador.

Trazia no rosto o estigma do sofrimento. Na alma a amargura da incompreensão.

«O inferno é nesta vida» — disse-me, desabafando. Segundo o meu esquema, este irmão, queria falar de purgatório.

Não esconde o seu pecado, não se engravata como homem honesto, nem bate no peito com ares de santo. Quer ser diante de Deus e diante dos homens um espelho de verdade. — «Pequel. Não quero encobrir o meu pecado. Trabalho e sofro para o redimir.»

Deixou nas minhas mãos um cheque de 20 mil escudos.

— «Toma. É para os teus filhos. Vivo esmagado pelo peso dos encargos materiais, mas esta é uma dívida sagrada.»

Começo a entender a razão porque Jesus preferia os pecadores.

P.e Acílio

## Tribuna de Coimbra

Quantas vezes tenho invejado a cara alegre daquela Mulher! Sempre sorridente, espelho de quem entende a vida, mesmo a vida de cruz.

Conheço a vida martirizada que tem levado. Os longos períodos de doença do marido. O

Por  
Padre Horácio

raquitismo dos filhos. O viver sempre dependente da ajuda dos outros. O não ter casa. O não ter roupa. O não ter comer.

Deita a mão a toda a espécie de trabalho. Dá a mão para ajudar toda a gente. Sempre com humildade e com gratidão. Dá a impressão de que todos lhe prestam favores.

Outro dia apareceu-me debulhada em lágrimas. Quase envergonhada, para me contar a

amargura. Uma das filhas teve paralisia infantil em pequenina. Ficou presa dum braço e com ataques epilépticos periódicos. Nunca pôde ir à escola. Agora tem doze anos. Já não tem ataques, mas na escola não a recebem. «Então a minha rica menina há-de ficar assim toda a vida?»

Vinha pedir a minha ajuda. «O senhor conhece muita gente. Se me pudesse internar a minha menina numa casa séria onde ela, ao menos, aprenda alguma coisinha!»

Ficou em silêncio. Ficou-me na alma a sua voz amargurada a pedir uma coisa a que tem direito. Não lhe dei resposta e retirei-me a pensar nas nossas tremendas lacunas sociais.

Quem dá resposta a esta Mãe heróica, para eu lhe tornar a ver os olhos sem lágrimas?

Visado pela  
Comissão de Censura

● A EXPEDIÇÃO  
ESTÁ QUASE  
NO FIM

A expedição do «Isto é a Casa do Gaiato», 1.º volume (2.ª edição), está quase no fim. Por servir, apenas menos de um terço dos assinantes da nossa Editorial.

Foram quinze dias de intenso trabalho. Programado de acordo com as necessidades. Eram «Quim do Porto», «Picoto», «Faísca», Julião e «Tomate» a alçar, prensar, etc., Martins a aparar e Quim Oliveira, «Fuinha» e «Zip» na colagem da capa.

A malta da Encadernação atingiu magnífico ritmo de produtividade. Demonstraram que não são aranhas. E venceram «Cebolinha», «Herrera», António, Raimundo & C.ª — que não tiveram tem-

Cont. na QUARTA página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## MALANJE

O nosso Retiro — Há muito que era meu desejo, vir até à nossa Casa de Malanje! Tudo aqui é sublime, até o ar que se respira convida à meditação daquela Paz que não se consegue com armas. O meu desejo, foi satisfeito. Depois de 21 meses de terras de Ultramar sempre vim até cá. Feliz fiquei por ter a oportunidade de contactar com os nossos rapazes.

No dia combinado, cá chegaram os nossos de Benguela para todos irmos para um retiro espiritual.

Correu bem, como sempre. Os nossos rapazes gostam de estar à altura destas coisas salutaras. Foram dois dias cheios de vitalidade, vividos dentro de um seminário que, tão generosamente, nos cederam. O Sr. P.e Óscar, lá esteve a guiar-nos no sentido mais recto! E por ser recto, mais difícil. E por mais difícil, mais glorioso! Jesus há-de atender a todos os propósitos que nos propusemos!

No fim do Retiro, fomos dar um

passeio. O Sr. P.e Telmo, sempre com a preocupação de bem servir, lá estava na cozinha vendo se o almoço, (que ia ser levado para o caminho), estava a ficar apetitoso:

— ... Ó Quim, traz os jornais para embrulharmos o tacho, para que não arrefeça!

E lá fomos no Ford de Benguela. O Melo ao volante, sempre incansável, pois já tinha feito a viagem de Benguela a Malange.

O Júlio, sempre com a sua alegria jovial e radiante lá nos ia distraíndo no trajecto para as quedas do Duque de Bragança.

O dia estava radioso de sol. Chegámos lá, por volta das 12 horas. Que beleza, meu Deus! Como Tu brindas os homens com a natureza! Que alvura a das águas límpidas, caindo em sobressalto, espumosas e brancas! E o sol? Tudo num contraste tão lindo, fazendo aparecer o arco-íris, lembrando-nos a Nova Aliança entre Deus e os homens! Porque será que nós somos tão esquecidos e não vimos, em cada coisa, Tu a ligares o Céu à Terra?...

O almoço foi feito mesmo por cima das Quedas. As pedras que lá se encontram, serviram de mesa. A música, era o cantar das águas, passando debaixo dos nossos pés! Dizia o Júlio: «...Que romantismo, tudo isto encerra!». É verdade.

Tenho a certeza de que todos nós viemos dali mais felizes, mais responsáveis para a missão que cada um vai desempenhar.

José Ferreira

## Lar do Porto

Olhai como é bela a natureza, sem ódio, sem raiva, sem soberba, sem vaidade!

Mas tão diferentes somos nós, humanos, que tanta soberba e raiva acumulamos!

Há pouco mais de uma hora sou a campanha. Corri à porta, com a minha alegria de sempre, pensando que era algum dos meus colegas que acabava de chegar.

Mas tudo, mesmo tudo, mudou quando encarei com uma mulher que não parecia um ser humano, antes lixo, de esfarrapada e suja. Esta infeliz mulher pedia-nos ajuda. Mas como não é razoável que a gente ajude qualquer pessoa somente por estar esfarrapada e suja, ela começou a contar-me a sua vida desde que chegou ao Porto.

Foi num domingo.

Na segunda-feira andou pelas ruas a limpar os papéis que todos nós deitamos. Concluída a soma do seu esforço, deu 7\$70, que não chegavam para matar a fome.

Na terça continuou o seu trabalho, mas já só arranjou 7\$00.

Desde que chegou esta mulher tem dormido nos bancos onde não bate luz.

Ela encontrou-nos já na quarta e dizia com uma voz chorosa: «Pensei que esta porta também não se abrisse e que me diriam da janela — Não temos nada para dar.»

«Eu também já tive a minha casa em Trás-os-Montes, mas meus pais adoeceram e eu tive de vender tudo Hoje nada tenho. Ando a pedir.»

Amigos, não compreendo como é que sendo todos iguais, pisando a mesma terra, não havemos de nos entender, de repartir os nossos bens pelos que nada têm.

Esta mulher já foi remediada e hoje é o que vos acabei de contar: um farrapo humano. Como nenhum de nós quer que um dia, se precisar, lhe digam que não, espero que viveis casos como estes, que não são um nem dois... mas centenas ou milhares.

Adeus. Agradece o vosso irmão em Cristo,

José Maria

## Paço de Sousa

Estudos — A telescola funcionou normalmente em nossa Casa. No final do segundo período, vimos com alguma tristeza alguns moços ficaram pelo caminho. Isto referente ao 1.º ano, em que os alunos são de idades muito diferentes, daí o mau aproveitamento de alguns.

Quanto ao 2.º ano, tudo bem.

Em vésperas de provas orais, dá gosto ver os rapazes empenhados em conseguir uma preparação que lhes permita terminar o 2.º ano da melhor maneira.

Desejamos a todos os nossos amigos estudantes que tenham uma entrada em cheio neste 3.º e último período escolar.

Para os que acabam muitas felicidades, para os que continuam, vamos andar para a frente e pensarmos que cada exame que passa não é nenhum obstáculo intransponível mas consideremos esses exames como mais um patamar a atingir na vida.

Melhoramentos — Sempre que o tempo se torna mais ameno aí temos os nossos recantos recheados de maior beleza: são os jardins, os pomares de fruta, etc. que tornam a Aldeia mais acolhedora e com mais beleza natural.

Todos os anos se passa isto em nossa Casa. O mesmo sucede com os constantes apelos que os nossos Padres fazem para que respeitemos estes recantos que tantos desejariam possuir em tais condições, embora nem sempre sejam atendidos.

Futebol — Começou a nossa época desportiva, isto com respeito ao futebol, pois que nós estamos sempre envolvidos em momentos desportivos, se bem que nem todos dignificam a palavra desporto. Temos já há algum tempo, traves de ferro no nosso campo de futebol, mas, estão já oxidadas, não foram pintadas e, não tarda que seja necessário substituí-las por outras.

É bom que os nossos amigos se preparem, pois se continuar assim em breve tenho de vos endereçar um pedido.

Jorge Manuel

## CALVÁRIO

Páscoa — A preparação para este dia de tão grande significado para os cristãos, como foi para os antecedentes e contemporâneos de Cristo, processou-se apenas com o desejo de avivarmos de uma forma que a muitos parecerá anedótica: Viver em comunidade mais acentuada os actos em que nos juntamos no dia a dia. Isto é: Fazer um esforço individual para que, tanto às refeições como no terço ou Missa não fosse necessário esperar uns pelos mais «pachor-

rentos». Isto porque o sistema aqui usado não é rígido. Por isso, como as grandes coisas não excluem as pequenas, assim foi a nossa preparação Pascal. Não poderia deixar de haver explicação alusiva ao tempo com as cerimónias apropriadas ao grande Dia. E esse dia foi Quinta-Feira.

Este dia e o Natal, devem ser os dias de mais agradável convívio espiritual. Porque neles participam a grande massa de inválidos que parecem outros. Basta referir o caso do sr. Armando que nunca sai do leito durante todo o ano. E já está imobilizado vai para 21 anos. Só se consegue voltar com ajuda de outra pessoa. Para não falar na forma como tem os membros, outrora quase com 1,80 m e hoje, reduzidos a 1 m. É possível? Só visto se poderá acreditar nisso e na forma como absorve os alimentos.

Gostaria que visses amigo a alegria dele no final da Ceia de Quinta-Feira Santa! «Ainda era capaz de me aguentar mais tempo, se as cerimónias demorassem mais!»

A Páscoa para nós é assim! Porque de outra forma seria apenas o exterior a festejar com foguetes, amêndoas e sei lá que mais!

Em complemento, diremos que todas as cerimónias litúrgicas da grande Semana, tiveram para além de Quinta-feira Santa, como fecho, a grande noite de Sábado. Para além da forma compreensível a todos os presentes como decorreram os actos na nossa Capela, tivemos a dita de vermos a transformação de um dos nossos rapazes vindo do Ultramar, de simples mortal para o estado de cristão. E a alegria do Fernando, durante e depois do baptismo, expressava-a claramente nos seus olhos. Foi padrinho o sr. Luís, um dos nossos doentes. Tudo o mais foi apenas barulho e foguetes nas redondezas. Mas aqui a Páscoa significou algo. Sem barulho!

Manuel Simões

## CAMPANHA da COLCHA

Mais uma campanha! — exclamarão os nossos amigos. No entanto, creio que nesta sereis mais coerentes, pois trata-se de mostrardes aos nossos pequeninos o amor que lhes dedicais.

Todas as vezes que visito o «cantinho» dos pequeninos — casa 4 r/c — fico triste com a monotonia que ali abunda. As camas feitas com gosto, mas as cochas velhas e de cores mortas não harmonizam com o espírito divino das crianças. Como necessidades maiores não nos permitem dispender três mil escudos — já fiz as contas, tal a confiança que deposito em vós — ficamos à vossa espera.

Tendes mais uma oportunidade, entre tantas, de manifestar o vosso amor em obras pois as palavras não lhes trazem as colchas nem a alegria de se saberem amados.

A todos os que aderirem a esta campanha, lembro que frizem o fim do seu contributo, senão... era uma vez umas colchas...

Em nome dos pequeninos da Casa do Galato Paço de Sousa, obrigado.

M. António



UMA IMAGEM DO GRUPO DE BENGUELA E MALANJE — QUE PARTICIPOU NO RETIRO.

## CANTINHO DE POESIA

### Homem! atende, escuta!

Ah! basta! por quem és!  
Homem! atende, escuta!

Teus empenhos suspende por momentos:  
Inclina-te a mirar a Natureza  
De trémula paisagem...

Repara!  
Já o orvalho deu vez às enxurradas...  
E, fugitivas, adejando, as aves  
Sulcam o fluído espaço...

E as penas vai perdendo  
Aquele que ainda as tinha...  
E outra, de Ideais perdida,  
Contra as pedras atira (para que serve  
Se onde voar não tem?) uma das asas.  
E assim fica esquecida...!

Ah! basta! por quem és!  
Homem! atende, escuta!  
... e se onde o Mal acaba o Bem começa,  
O Amor ressurgue onde se extingue a Luta...

CHAI, DEZEMBRO DE 1970 Santos Silva

ESCALADA é uma folha de ligação dos Vicentinos do Porto onde encontramos frequentemente temas oportunistíssimos para mentalização das gentes que se julgam e confessam cristãs.

Não resisto ao n.º 81, sobre o «Papel dos Voluntários e das Obras privadas na Acção Social».

É corrente a aceitação adul-

to conveniente ao seu bem fazer. O Pobre institucionalizado, pois.

Ora a palavra do Senhor não pode ser entendida senão como um facto que sempre acontecerá neste reino de contradição que é o mundo; nunca como direito de estratificar a sociedade dos homens, pondo a agir sobre uma camada de passivos, objecto de solicitude, os outros a quem a vida dotou de mais

cada um a esta responsabilidade e não se lhe falte com o salário justo.»

Donde brota este princípio senão do profundo respeito pelo homem em embrião que está em cada Rapaz?! Não se dá esmola. Presta-se uma oportunidade de cada um se fazer (se a si-mesmo!) sob o bafo familiar, que, se não vem da carne nem do sangue, vem do amor do Pai incarnado no amor

# DOCTRINA

terada da palavra do Senhor, «Pobres, sempre os tereis convosco», a justificar inércia, não só de acção, como também de pensamento: O Pobre tido como fatalidade inelutável. O Pobre a manter como necessário aos que se não têm por tal e nEle encontram o objec-

valores, até o da generosidade.

A palavra do Senhor, como sempre, é dinâmica e fonte de vida. Empenha os mais válidos numa acção inteligente e organizada para que os Pobres sejam cada vez menos e cada vez menos pobres. E leva ao entendimento de que, se «nem só de pão vive o homem», não é somente a carência dele que gera a pobreza; antes há outras formas mais profundas e subtis de pobreza, que só têm um remédio: o amor e tudo quanto o seu engenho inventa para preencher os vazios da alma humana.

Afinal é o amor o princípio vital de cura das feridas que os Pobres sofrem. E como o amor é o dever primeiro e total do cristão — eis que não faz favor nenhum aquele que o dá e procura em si sempre formas novas e mais delicadas de o prestar.

Assim, é que o respeito pelos outros — que são nossos irmãos, a quem devemos amor — vai produzindo uma evolução na nossa maneira de os considerar e de com eles tratar, tão bem historizada no artigo acima referido:

«Durante muito tempo o serviço dos Pobres foi a assistência.

Depois passou-se desta noção à de serviço social: já não é alguém que se debruça para dar qualquer coisa, mas é alguém que olha para o lado para auxiliar alguém que é seu vizinho e seu igual.

Em seguida sobrevem a noção de entreatada social que evoca e ideia de um dever colectivo: a sociedade deve levantar as instituições necessárias a essa entreatada.

Tendo ultrapassado este aspecto de entreatada, chega-se à ideia de reinserção social. Aquele que ajudamos — aquele doente, aquele velho — deve tornar-se um homem como os outros.

A acção caritativa profunda deve arrancar o Pobre à sua situação para o colocar no meio dos outros, ao nível dos outros.»

Foi nesta linha que Pai Américo viu desde a hora em que o Senhor o chamou: «Dê-se ao Rapaz o sabor de comer o pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto. Chame-se

dos filhos a quem Ele chama para restituir em nome da sociedade aqueles bens fundamentais ao inocente que a mesma sociedade deixou espoliar por suas culpas.

É uma retribuição: é Justiça. É uma reintegração social: dela só o Amor é capaz.

Dito dos Rapazes, dito dos Doentes. Sempre foi para mim das notas mais impressionantes do «Calvário» o sentido de utilidade que se procura que cada um experimente, na medida das suas forças. Não há ali doentes arrumados em prateleiras de velharias venerandas... e inúteis, ainda que muito bem tratados. É por respeito profundo que se exige de cada um o esforço que lhe é possível. E dos que nada podem de material, se espera que Deus os ajude a ofertar seus sofrimentos, sua incapacidade, na consciência recta e certa do altíssimo valor social que em sua resignação prestam aos outros. Como com os Rapazes, «obra deles, para eles e por eles». E Pai Américo acrescentava: E se com presos (e seja com quem fôr que encontramos prostrado) «obra deles, para eles e por eles». Esta é a fórmula de toda a reabilitação.

«E, se considerarmos esta nova forma de pobreza que é o isolamento — acrescenta o n.º 81 de Escalada — encontramos aí, com uma força e uma necessidade incomensuráveis, o papel dos voluntários. (...) No mundo de hoje a ideia que se deve ter dos voluntários é esta: alguém cheio de amor, preocupado e desejoso de agir e que, como primeiro trabalho de caridade, aceite esse mínimo de formação, de informação, de preparação para a acção que quer fazer, para que ela seja verdadeiramente eficaz e fecunda. A evolução rápida da sociedade exige que sejamos uns e outros inventores de novas formas de acção.»

Permita Deus que não enriqueça e morra de imobilidade nenhum dos a quem chama ao serviço do amor do próximo... e somos todos, todos sem excepção.

## Do que nós necessitamos

Continuamos o rol de donativos, até nós chegados. Todos eles trazem-nos o bafo carinhoso e familiar da grande Família de que todos fazemos parte, e como tal, lembram-nos na Ressurreição do Senhor.

De «uma Mãe e duas filhas», 700\$ de aumentos de ordenados e parte de gratificações. 50\$00 da Calçada da Estrela. Tomar com 50\$00. Selos usados da Covilhã. Ass. 8618, com 300\$. De Lisboa, 100\$. Assinante do Seixal com 100\$. Da Farmácia Costa Gomes, 500\$. Cá vai a Avó de Moscavide, com a presença amiga de sempre. E que o Senhor lhe restitua totalmente a vista. Mais 50\$00, de Águeda.

Ass. 25410 de Vila Real de Santo António, com 300\$. Do Largo do Priorado, de quem se apresenta com muita frequência, 600\$00 para «urgências». 500\$ de Lisboa. Para os Pobres do Barredo, 600\$. Luanda com 50\$00. Por alma de Joaquim Rodrigues Courinha, 100\$. Mais 20\$ de Peso da Régua. «Viúva de São Bento», com 50\$. Amiga de Vilar Formoso, com roupas novas, rebuçados e um vale postal. 20\$ de Lisboa, 20\$ de Espinho. Igual quantia de Ilhavo. E 200 florins, do nosso bom Amigo Sr. Mário Veronetto, de Roterdão, que não nos esquece nunca, mesmo quando anda embarcado.

De um grupo de amigos, de várias secções do Banco Borges & Irmão (sede), o donativo de 1.475\$, produto de migalhas

juntas que, por mãos de assinante amigo, nos chegou em cheque.

Mais um vale, de 722\$50, dos empregados do Crédito Predial Português, de Lisboa, com a amizade de sempre. 6 contos de promessa, de uma senhora nortenha, Professora do Ensino Secundário, em Lisboa. Vários donativos, de Valadares, de quem aparece amiúde. Gaia com 20\$. De Nelas, «por alma dum filho muito querido», 200\$. Assinante de Rio Tinto, com 100\$ mensais. 85\$, pequena lembrança de pessoas de família do nosso «Girassol». Para o quarto do velhinho do Barredo, os 120\$ de sempre da «Mãe que crê em Deus». Alda com 150\$. De Vilar Formoso, 100\$, e diremos que sim, temos recebido sempre.

Alunos do 2.º ano, do Externato João Afonso, de Aveiro, um vale de 50\$00, com muito carinho e pena de ser tão pouco! Mais 1.700\$, dos nossos amigos, Funcionários da Caixa Têxtil. Duma poveira que vive em Lisboa, 500\$. C. C. com 100\$. «Por alma de Manuel», 50\$, 100\$ e 50\$. Da Invicta 500\$. Ilhavo com 100\$. Duas promessas de 120\$. «Uma mãe», com 50\$ do primeiro ordenado de seu filho. Mais de promessas, 50\$, 100\$, 180\$ e 100\$. Roupas de Santarém. 6 lençóis novos, da Rua Costa Cabral, duma senhora que anualmente aparece com esta oferta. Mais roupas, também de Santarém. Dum aumento de

vencimento, 220\$. Da Capital, 70\$. E ainda de Santarém, «um casal muito amigo», já conhecido nesta rubrica, com o abono de família, «em nome de nossa filha». Vieram 200\$00 e mais 200\$ de quatro meses. Cá vão os 75\$00 mensais em selos de correio que nos vêm de Amadora.

O pagamento de assinaturas anuais, chegado de Ois da Ribeira, pelas mãos de velha assinante, que nos olha ternamente, Deus lhe pague, senhora D. Ana. Roupas de Chamusca, Sintra e Lisboa. Mais vestuário e um relógio, de «Uma bisavó do Porto». E encomenda de roupa, para o «Calvário», de «Alguém desconhecido». Do Porto, a simpatia de pessoas que, anualmente, não faltam à nossa Festa e, ao sabermos que este ano a não faríamos, se apressaram a enviar-nos o dinheiro que iriam gastar no respectivos bilhetes.

Para terminar, por hoje, anoto uma presença de cinco contos e o cartãozinho que os acompanhava:

«Ofereço aos Galatos, um dos meus primeiros vencimentos mensais, cumprindo assim uma promessa de garota, se terminasse o meu curso.»

Muitas felicidades na execução desse curso finalizado.

Para todos, o nosso obrigado.

Manuel Pinto



# Vistas de dentro

Grilos — eis um clássico desta coluna.

Vem o tempo deles e multiplicam-se as anedotas, de que são sujeito membros das três classes de cidadãos da Aldeia: grandes, médios e pequenos.

As anedotas, às vezes, até dão tribunal e uma surrazita no lugar próprio...

Pois, este ano, a estreia da temporada proporcionou-me o Neca. Nem os seus 25 anos, nem o facto de ter ido ver a moça, segundo título para ser meu companheiro de viagem — nada disso obsteu a que, ao longo do regresso, me moesse o bicho do ouvido, por causa dos grilos que ia escutando na tarde soalheira e por môr dos quais queria que parasse.

Até quando se tratou do merendeiro, foi preciso andar por ele, escondido entre os arbustos perfumados, palheta em punho, à caça de um grilo cantador!

Pois só achou uma grila muda — bem feito! E ia ficando sem merenda!...

x x x

Subamos um bom bocado mais na escada dos anos e va-

mos ao encontro do Manuel Pinto, ilustre Secretário Geral. Descobriu ele, não sei em que torre do tomo, que os «nossos escritórios superiores», sede dos seus domínios, faziam na altura 21 anos de existência — e, naturalmente, era preciso festejar a data.

Ora cá em Casa, em vez de festejar, costuma dizer-se: molhar. Mas Manuel Pinto, decerto não prescindindo deste gostoso número do programa, quis ser mais espiritual e então pediu uma reportagem.

Até à data, que eu saiba, não teve sorte nenhuma! Será melhor entregar aos dignos investigadores de antiguidades — que os há também cá por Casa! — a demonstração do fundamento histórico de tal aniversário.

x x x

«Eusébio» é vendedor de O GAIATO em Aveiro, há alguns anos já.

Aveiro tem feitiço para os nossos vendedores. É a única terra de onde nenhum tem pressa de deixar a venda. Mas é verdade, também, que tem tido sorte com os seus vendedores.

«Eusébio» é muito simpático. Tem por lá suas conquistas...

Tempos atrás houve um casamento de gente alta... Pois «Eusébio» teve o seu convite e foi.

Discretamente perguntado, da mesma sorte me declarou ter corrido tudo muito bem.

E eu soube, por outra via, um por outro — cauteloso e previdente — destacando na requisição do 1.º volume: «Se ainda não for assinante, não se

é proporcionado. Continuaremos a fazê-lo tanto quanto os homens deixem e as forças o permitam. O acolhimento dispensado pode considerar-se, em geral, caloroso. No fim das palavras que pronunciamos há sempre quem nos procure por isto ou por aquilo e, até, às vezes, embora menos, por «aqueleoutro». Graças a Deus por tudo! No outro dia, ao fim da primeira das onze Missas em que haveríamos de falar, apareceu-nos um homem, modesto na aparência e de meia idade. Queria ser assinante de O GAIATO. Dando por isso, os elementos necessários para o registo da respectiva assinatura, entregou-nos, ao fazê-lo, uma moeda de cinco escudos, com estas palavras: «só posso pagar isto». Não sabemos dizer o que sentimos em tal ocasião. Houve testemunhos daquele autêntico «óculo da viúva», que não ficamos menos impressionados. Já recebeu o nosso pequeno «desordeiro» pacífico. Tinha direito a ele, por todos os motivos e mais este: recebemos nessa altura um influxo interior que ajudaria a encontrar energias para as das vezes que ainda nos faltavam falar!

x x x

As «amêndoas» que referimos no penúltimo número começaram a chegar. Bem hajam. Gostaríamos, porém, que fizessem a boca doce a todos os leitores!

Padre Luís

## AS NOSSAS EDIÇÕES

# «ISTO É A CASA DO GAIATO»

Cont. da PRIMEIRA página

po de perder tempo. O caso deu, até, piadas finas: «Vocês não dão vazão...!» — respigou «Fufinha» muitas vezes. Os da expedição, porém, lá tinham as suas razões. Algumas de ponderar.

Os assinantes das letras P ao Z aguardem calmamente a sua vez. Agora, com Telescola e o mais, diminuímos o galope. Mas não tardaremos a chegar à cauda do ficheiro.

## ● RESPOSTAS AO POSTAL-CIRCULAR

ENTRETANTO, já começámos a receber respostas ao postal-circular, expedido no último «Famoso». Tudo como prevíamos! São pedidos aos montes, diariamente. Alguns, inclusivé, para o 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato» — a reeditar oportunamente!

Caso curioso: surge, também, um por outro — cauteloso e previdente — destacando na requisição do 1.º volume: «Se ainda não for assinante, não se

esqueçam de mim...». E não esqueçamos mesmo. Domingos está atento.

Esperamos cada um dos leitores — interessados nesta obra — se decida a devolver-nos o seu postal. Não custa nada. Basta só registar no dito os volumes desejados, o respectivo endereço com letra legível e colar a estampilha de \$50. Fácil. E prático.

## ● OBSERVAÇÕES MUITO IMPORTANTES

COMO, por excesso de trabalho e falta de braços, ainda não foi possível simplificar, num só, o ficheiro da Editorial e do Jornal (a implantação do sistema está na fase preparatória) recomendamos aos amigos que já receberam o «Isto é a Casa do Gaiato» não esqueçam de especificar claramente — em carta ou postal — o destino das suas importâncias. São muitas as secções da nossa Obra... E apesar das buscas e malabarismos de informática doméstica, pode calhar uma remessa com destino omisso cair só no ficheiro do Jornal — ficando o do livro em branco...

O favor do vosso cuidado, também, para a solução doutro problema: os vales do correio devem ser pagáveis em PAÇO DE SOUSA.

## ● A VOZ DO LEITOR

DE entre as primeiras manifestações de regozijo pelo recebimento do «Isto é a Casa do Gaiato», escolhemos algumas — como incentivo.

Esta, é de Sintra:

«Acuso, por meu marido, recepção do vosso Livro. Há muito que estou retida no leito... Os meus olhos estão gastos, pouco posso ler; mas desde ontem, que tem sido o meu companheiro. E só peço a Deus que me conserve o resto de vista que tenho para poder ler outros que venham. Junto envio mais 50\$00. É pouco, mas... somos um casal de (mal) reformados. O vosso Livro vale mais, muitíssimo mais. Tanto que nem se lhe pode atribuir valor. Se cada um dos Portugueses o lesse e meditasse, muito mal se poderia ainda remediar no nosso País. Há-de recomendá-lo, tanto quanto puder, lhes assegura a que humildemente lhes pede desculpa do pouco que envia...»

Agora, temos Lisboa:

«...Agradeço-vos, muito reconhecida, o precioso livro que tivestes a gentileza de me enviar e que recebi hoje mesmo. Depois de ter lido o vosso último Jornal, já estava à es-

pera dele... Que sorte, ser da letra A! Só não gostava muito dela, nos exames, pois ficava sempre nas carteiras da frente... Mas, como vêem, não há mal que sempre dure e o que então era uma aflição, é agora grande alegria...»

Segue o Porto:

«Cá recebi mais um livro «Isto é a Casa do Gaiato» — que muito agradeço.

Oxalá V. não se cansem de mandar cá para «fora», obras como esta, para que o mundo medite... Fico aguardando e confiado na vossa Editorial...»

E fechamos com Viseu:

«Lendo mais estes maravilhosos trechos de Pai Américo, interrogo-vos: Porque não têm sido traduzidos noutras línguas os livros da Editorial da Casa do Gaiato? Porque ninguém duvida de que a doutrina que deles irradia — é mais do que merecedora disso...»

Aonde chega o valor da amizade e compreensão!!

JÚLIO MENDES

## Aqui, LISBOA!

Estiveram entre nós durante uma semana, nas férias da Páscoa, catorze alunos do Liceu Padre António Vieira, compartilhando com os Rapazes da sua vida e, de modo particular, trabalhando nas nossas obras e ganhando calos nas mãos! Parece-nos de registar nestas colunas tal facto, numa época tão vazia de ideal, em que as palavras se multiplicam, mas as obras são poucas. Em primeiro lugar queremos frisar o feliz espectáculo que representou para todos a comunhão estabelecida sem barreiras de classe ou de qualquer outra natureza. Depois, os benefícios mútuos recebidos, numa descontracção e teor de agir cujas repercussões ecoarão por muito tempo e, quicá de modo imprevisível e para sempre nos espíritos dos jovens intervenientes na «experiência» realizada. Finalmente, em terceiro sublinhado, foi-nos dado mais uma vez constatar, quão generosa é a nossa Juventude se há forte motivação a impulsionalá-la. Que venham mais vezes e, se puderem, tragam outros

companheiros! Continuamos a ser «a porta aberta» para toda a gente e, se somos beneficiados com os contactos realizados, pensemos também, para lá das nossas deficiências, que também podemos oferecer, ainda que humildemente, aos que vêm até nós, algo de construtivo. O Mundo precisa de ser aquecido pela chama do Amor!

x x x

Todos os anos, no fim de Março, é certa a visita de uma determinada Empregada doméstica, para depositar nas nossas mãos pecadoras o produto do seu trabalho desse mês. É ocasião para nós de renovada e profunda meditação. Se não fora a vergonha ou talvez um puritanismo cheirando a falso, teríamos beijado as mãos dessa mulher sempre que a vemos à nossa frente. Há almas que nos enchem de respeito e são motivo de melhor apreciarmos a razão íntima e o valor das Bem-aventuranças. O bem que nos trazem fica muito para além de tudo o que se possa imaginar, nesta luta de todos os dias que é a vida dos padres da rua. Não sabemos nem podemos agradecer devidamente o facto. Apenas diremos: Deus seja louvado!

x x x

Temos falado nos templos de Lisboa sempre que isso nos



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

# Festas

Tem chegado um mundo de recados cheios de alegria e de esperança. Uns porque já têm festa; outros porque a vão ter; outros ainda porque entendem que as suas terras também merecem.

Todas estas presenças nos alentam a andar para a frente. Apetece-nos não parar, embora sintamos o limite das nossas forças.

Em Coimbra, muitos dias antes da festa, a lotação para o Teatro Avenida esgotou-se. Tinha razão o Pedrinho quando nos animou a marcar logo a segunda, no momento em que lhe pedimos a casa para a primeira. E assim teremos de voltar ao Avenida de Coimbra na tarde de 28 de Maio, às 18,15h.

De Lagares da Beira vieram uns Amigos oferecer-se. Que a terra era grande, que tem um bom salão dos Bombeiros, que é muito boa gente, que toda a região de Oliveira do Hospital tem carinho pela Obra do Padre Américo, que temos educado muitos rapazes daquela região e mais e mais e mais.

O remédio foi dizermos que sim. Será a nossa festa no Cine Teatro dos Bombeiros Voluntários de Lagares da Beira na noite de 16 de Maio. Que se alegrem e entusiasmem todos os amigos daquela zona.

Padre Horácio